

EP 06 – Mary Del Priore

Gilberto Freyre, gente, embora se fale sempre que há pensadores do Brasil, eu diria que o Gilberto Freyre é de longe o maior pensador. É a pessoa que realmente começa a pensar o nosso país. E ele não só pensa o país, como ele descreve esse país com uma linguagem de literato. Ler Gilberto Freyre não é só ler História, Antropologia, não é só entender alguma coisa que é muito importante. Nós somos um país mestiço, nós somos um país de sinergias, e ele mostra como nós aprendemos essas sinergias culturais justamente convivendo com índios, com africanos e com europeus de toda a sorte que vem para o Brasil.

-

Agora o que que é tão absolutamente delicioso quando você lê Gilberto Freyre? É que você entra nas casas, você vê os móveis, você sente o cheiro das panelas, você ouve o canto que era cantado ou numa missa, ou então, um canto de trabalho num eito de escravos, você sente o peso dos instrumentos que eram utilizados, você conhece palavras novas, é um mundo absolutamente fantástico que valoriza a nossa cultura, e que nos traz orgulho de sermos brasileiros. É uma história absolutamente fantástica que se lê como um romance. Eu leio Gilberto Freyre para aprender, não só a História do Brasil, mas para aprender a escrever. Quem gosta de ler e de escrever tem que ler Gilberto Freyre, uma grande figura esse nosso pernambucano de Apipucos, que morou nos Estados Unidos, conviveu com grandes intelectuais americanos, e nunca quis deixar o Brasil... Isso é importante, ele tinha um apego, não só ao seu país, mas ao seu pequeno Recife, essa cidadezinha pela qual ele circulava de bicicleta, ia para a casa de um pai de santo, ia comer, enfim, a comida que era feita por uma senhora, filha de escravos, lá em uma das pontes de Recife, visitava as igrejas, participava das festas de São João, sabia todas as modinhas, conhecia todas as formas de falar, circulava do alto a baixo da sociedade. Quer dizer, ele nos ensina uma maneira de sermos também pensadores do Brasil. Não basta ficar de salto alto na universidade, dizendo que leu quinhentos livros, é preciso viver o Brasil para escrever o Brasil da maneira como ele escreve e nos transmitir esses sentimentos todos de curiosidade, de interesse, de paixão, de vida que os livros dele nos trazem.

-

Ele, quando escreve esse livro, o que ele quer fazer é resgatar a contribuição enorme que os africanos trouxeram para a nossa cultura. E ele vai fazer isso de uma maneira absolutamente fantástica, mostrando como desde instrumentos, criatividade, engenhosidade, operosidade, como tudo isso vem da África e como africano, que muitas vezes deixa reinos, cidades maiores do que a própria cidade de Londres no século XVIII, para vir para o Brasil, como essas pessoas que eram detentoras de saberes, que os portugueses ignoravam, saberes em relação ao ferro, saberes em relação à medicina tropical, são esses senhores, né? Nós, os escravos, que estávamos aqui apanhando feito boi ladrão. Mas eles é que trarão como senhores esses saberes, e esses saberes, então, vão ser passados para mamelucos, brancos, índios, portugueses, holandeses, ingleses.

Então esse momento inicial que o Gilberto também trabalha, e ele valoriza imensamente tanto a contribuição africana quanto a contribuição indígena, né? Ele sai desse discorrer que era clássico lá na historiografia positivista, do papel dos portugueses como grandes colonizadores, não... o grande colonizador é o mestiço, e o que o Jorge Caldeira vai depois falar, é o mameluco né? É essa mistura de gente, de saberes, é essa sinergia que o Gilberto vai, pioneiramente, explorar.

-

Eu acho que a grande lição que o Gilberto nos ensina é justamente de um dos vários Brasis, e o Gilberto nos arrasta para esses lugares, ele nos faz ver a imensidão desse país, a complexidade desse país, né? Como foi difícil habitá-lo, como foi difícil construí-lo, como em cada parte do Brasil você tem identidades completamente diversas. E mais, com agenda muitas diversas. A agenda de alguém que está em Macapá hoje, nada tem a ver com alguém que está na avenida Paulista, né? E essa diversidade de agendas você consegue intuir já na leitura de Casa-Grande & Senzala, porque ele vai falar justamente da complexidade, do tamanho do Brasil, da dificuldade de você dar um sentido orgânico a esse país. Talvez o sentido desse país seja plural, sejam os vários Brasis, sejam as várias realidades. Mas eu acho que para nós pensarmos, há livros... Edgar Allan Poe dizia que há livros que a gente lê para conhecer melhor o autor, e há livros que a gente

lê para se conhecer melhor. Eu acho que Casa-Grande & Senzala é um livro que a gente lê para se conhecer melhor.